

O TERMO XILOGRAVURA NO ACERVO VIRTUAL DA HEMEROTECA DO CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR

Denis Augusto Lino de Lima

Graduando pela Universidade Católica de Pernambuco

Denis.2019209567@unicap.br

RESUMO: Esta comunicação tem como objetivo promover reflexões sobre a noção de xilogravura (gravura popular) por meio da pesquisa desenvolvida no acervo virtual da Hemeroteca do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, que abarcou aproximadamente 250 recortes de textos publicados em periódicos, no Brasil, na década de 1970. Entre jornalísticos, como também reportagens ligadas ao termo. O material analisado reúne informações sobre exposições, publicações, festivais, cursos, técnicas da talhação em madeira, bem como o uso dos objetos no processo e entre outros assuntos que estão relacionados à xilogravura. A metodologia consistiu em análise crítica do material selecionado no acervo já mencionado; por meio da catalogação dos/das intelectuais que escreveram sobre o termo xilogravura, bem como da seleção e transcrição dos trechos que abordam o conceito. Ademais, os resultados provisórios da pesquisa apontam que a maior parte dos textos analisados descrevem as formas de trabalho e as atividades desenvolvidas pelos artistas, os espaços de produção e comercialização, bem como são acompanhados de reprodução de algumas obras xilográficas.

Palavras-chave: xilogravura; periódicos; cultura popular.

1 INTRODUÇÃO:

A xilogravura é tida como uma arte milenar, e responsável no processo da reprodução textual e imagética que se desenvolveu por um longo período histórico, ao qual sua principal e integra técnica está em representar uma imagem através de uma matriz de madeira, sendo ela esculpida e talhada manualmente pelo gravador. Tendo também o auxílio de outros objetos. Esta arte configurou-se por muito tempo como ferramenta imprescindível na propagação da informação, da arte e do trabalho regional, da divulgação de histórias misteriosa e principalmente no quesito da explanação do contexto social e cotidiano vivenciado pelos gravadores e seus parentes.

A pesquisa desenvolvida é de cunho exploratório, com requerimento de abordagens tanto qualitativa como quantitativa, de caráter documental. Todo processo se moldou em analisar uma boa parte dos aproximadamente 250 periódicos que foram publicados na década de 1970 e seus aspectos mencionados, considerando assim as principais informações que os comportavam como: Exposições com fins lucrativos, O reconhecimento por parte de muitos órgãos que podiam fomenta nas vendas e na divulgação daquele trabalho regional que antes era pouco conhecido, A valorização do tempo e de suas artes e entre outros assuntos. A representação da matéria com a junção das imagens exemplificando o assunto tem como o principal objetivo fazer esse movimento de divulgação e conhecido da existência dessa arte para os leitos que a desconhecem, como também estão vinculadas ao processo de categorização e obtenção da representação das informações transmitidas.

A metodologia aplicada à pesquisa foi constituída no mapeamento do conceito de xilogravura abordado na produção de artigos jornalísticos publicados em periódicos brasileiros no decorrer da década de 1970, e na alimentação de uma planilha feita com a ajuda da ferramenta do Excel no comportar das principais informações e no preenchimento das lacunas vigentes que foram requisitas para o gerenciamento dos gráficos para o uso dos devidos resultados.

Em resumo, o estudo que foi aplicado se justifica também pela razão do termo cultura popular, que emergiu propostas a serem analisadas e que proporcionaram o intermédio da historiografia ocidental com diversas interdisciplinaridades. Nesse quesito a arte desenvolvida pelo Xilógrafo Jota Borges, se contempla por inteiro. Então, com a salva guarda instituída e reservada para os devidos estudos dessas temáticas vem manifestando e viabilizando o crescimento do interesse de pesquisadores nesses ramos citados, proposta essa que foi expressada pelo Historiador Michael de Certeau, da seguinte maneira: "Graças ao gesto que a retira do povo e a reserva aos letrados ou aos amadores". (CERTEAU)

2. DOS OBSTÁCULOS DA VIDA AO DEVIDO RECONHECIMENTO

De início, vamos embarcar nas principais pautas que são encontradas nas devidas ocorrências que estão disponíveis no acervo virtual do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), ocorrências essas que abrangem diversas temáticas. Para esse referente artigo será exposta duas dessas temáticas, onde foram apresentadas no simpósio temático: História, Arte, Cultura e Visualidades. No que se refere a pauta do cotidiano e da sobrevivência dos artesã temos muitas informações. De acordo, com a publicação do Jornal: O GLOBO, publicada em 20 de Junho de 1973[1], a matéria divulga um pouco mais do modelo de sobrevivência de José Soares da silva, o famoso "Dila", como era conhecido e vivia com suas duas filhas, sua mulher e seus filhos homens na humilde casa que também passou a ser a sua oficina de fabricação e impressão dos seus trabalhos.

Segue trecho dos fatores citados da ocorrência analisada:

> "José Soares da Silva, 36 anos, nasceu na cidade de Surubim, em Pernambuco, onde, com a idade de sete anos, começou a fazer xilogravura para a capa de folhetos de sucesso na época. Aos 10 anos, deixou temporariamente a gravura, para cuidar um pouco da lavoura junto com seus pais. Porém, aos 15 anos, descobriu que sua vocação era mesmo a arte, ao lançar, com sucesso, seu primeiro folheto, "Sonho de um Romeiro com Padre Cícero Romão "que já vendeu mais de 50 mil exemplares. "Padre Cícero sempre me ajudou, tudo que escrevi sobre ele rendeu

[1]Encontra-se disponível neste link: http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/DocReader.aspx?bib=CDU%20-%20Recortes%20de%20Jornais&pesq=xilogravura – acesso em 11/12/2022 às 20:30

> dinheiro, por isto todo ano vou lá no Juazeiro, participar da romaria em sua homenagem", diz Dila. Mesmo escrevendo versos com dificuldades, "pois só aprendi a carta do ABC até a metade, depois fui trabalhar", Dila resolveu dedicar-se ao ramo dos folhetos quando se mudou para Caruaru, em 1953. Ele lembra o dia em que chegou à cidade: "Passei 12 dias anos em cima de caminhão, vendendo folheto pelas feiras do interior de Pernambuco. Quando cheguei em Caruaru vi que estava na hora de parar."

No início da década de 1970, o modo de comercialização de muitas artes no geral passaram por diversos desafios, sendo um deles o reconhecimento e a valorização do trabalho desenvolvido na construção daquele objeto. Muitos indivíduos não reconheciam o esforço e o empenho dos artistas, e passavam a praticar a desvalorização de todo processo envolvido na construção das peças e também o desgaste físico e mental obtidos pelos a gentes produtores. Essas perspectivas passaram a fazer parte da vivência de Dila, o mesmo tendo que encarrar esses desafios fez de sua casa o seu próprio local de impressão e fabricação de suas peças, a sua família também participava das atividades. Toda essa experiência social é explana da seguinte forma:

"Em 1956, com a oficina gráfica já montada, ele descobriu uma nova arte para sua gravura: fazer rótulos para garrafas de cachaça, latas de doce, vidros de remédio de fabricação caseira e vinagre. Com a gilete na mão, passou a desenhar novas formas bem diferentes das capas de folhetos que fazia.

- Cheguei a montar 10 pequenas impressoras, trabalhando noite e dia. Até parecia uma dessas agências de reclame que tem na cidade grande.

Em sua casa e oficina, todos trabalham. Enquanto a mulher cozinha, as duas filhas maiores trabalham na impressão de folhetos e os meninos vão fazer a entrega de carimbos. Dila vende mil cópias dos folhetos por Cr$ 120,00, faz uma gravura de capa por 30,00 e um carimbo por Cr$ 15,00.

- No fim do dia, tudo termina dando certo. Já publiquei 17 folhetos de grande vendagem. Só um não foi aceito, porque falava do "Sofrer do Pobre". Os matutos não compravam porque diziam que já sabiam de tudo que estava escrito."



Na casa e oficina do gravador, todos trabalham: as duas filhas maiores ajudam a imprimir os folhetos e os meninos entregam os carimbos. Uma gravura de capa custa Cr$ 30,00.

Fonte: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

A inovação foi uma ferramenta fundamental na especificidade de obter um retorno lucrativo maior, como também no agenciamento de prender a atenção do cliente para fazer com que o mesmo vinhete a adquirir a mercadoria. Pensamento este que é muito questionado pelo Filósofo Karl Marx, no seu ensaio: Fetichismo da mercadoria.

"Uma relação social definida, estabelecida entre homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Para encontrar uma símile, temos que recorrer à religião nebulosa da crença. AÍ, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantém relações entre si e com os seres humanos. É o que ocorre com os produtos da não humana, no mundo das mercadorias. Chamo isto de fetichismo" (MARK, 1994, p.81)

Na antiguidade os xilógrafos se reinventaram de todas as formas para alcançar seus objetivos e terem a rentabilidade desejada. Trouxeram inovações no talhamento da madeira, aprimoramento de suas técnicas e desenhos, a utilização de tintas e cores e entre outros elementos. Hoje em dia essas perspectivas foram substituídas sob o fator pelo qual muitas mercadorias são consumidas por influências. O verdadeiro "status social", que fazem com

que os objetos sejam adquiridos pelo nome dos artistas que fabricam ou divulgam o objeto. Movimento esse que também se contempla com a citação mencionada acima.

Outra mobilidade que ganhou força e que fortaleceu ainda mais a ideia de visibilidade e no facilitamento para obtenção da matéria prima, foram as campanhas governamentais instituídas pelos setores da cultura, as exposições nos grandes centros de visitações, como museus e parques estaduais, ainda assim as grandes competições de amostras fortaleceram a tal ponto que os artistas ficavam conhecidos e também mostravam como se dava todo o processo primário.

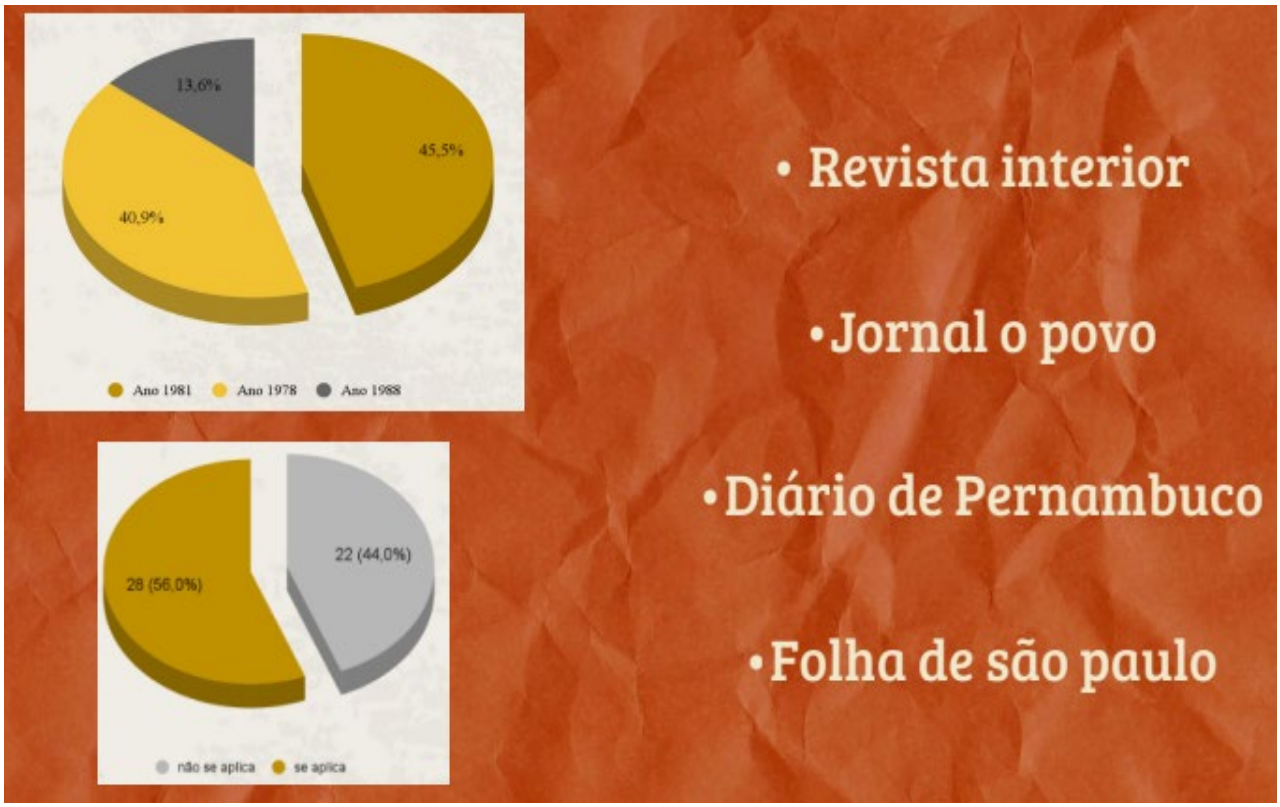
O jornal de Minas, que fica localizado em Belo Horizonte, publicou no dia 15 de fevereiro de 1984, uma matéria explanando um pouco a mais dessas ocasiões que eram articuladas com esse intuito. "Foram realizados 6 exposições a partir de maio de 1983 abordando temas como literatura de cordel, xilogravura, cerâmica, reciclagem de lixo industrial, modelagem em miolo de pão, esculturas em madeiras, artesanato em pano e culinário. Para o ano de 1984, estão programadas 8 exposições, que se estenderão de fevereiro a dezembro".

Esse evento foi promovido pelo Instituto Nacional de folclore durante o ano de 1983, que visou e promoveu várias oficinas, usando e dando ênfase à continuidade dos seus projetos internos já implantados (projeto artesanato brasileiro, Ramarias Atlas de cultura popular, Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro etc.) que cobrem em conjunto, as principais áreas de estudos de folclore. A principal pauta foi a o acesso dos artesã as obras primas para continuarem a produzirem as suas artes e a propagarem mais ainda os seus dons. Como aponta Ulpiano Meneses (2009), mais do que incorporar a dimensão imaterial do patrimônio, a CF promoveu a transformação radical da matriz de valor do patrimônio, identificando-a nos grupos sociais.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A fase de análise realizada a partir dos periódicos disponíveis no acesso virtual do CNFCP, resultou na concepção de que os jornais que se empenharam na divulgação de matérias sobre as xilogravuras, estavam espalhadas por todo o Brasil e sempre buscavam

mais informações sobre o movimento cultural que passava a assumir um papel significativo no cotidiano dos consumidores e admirados, tanto na literatura de cordel, como também nas madeiras esculpidas. As matérias sempre centralizavam as xilogravuras, traziam a complementação da matéria com detalhamentos sobre a vivência do artesão, suas principais obras, seus principais personagens, sua região e etc. As principais matérias foram publicadas no ano de 1981, seguida do ano de 1978 e 1988. Ademais, os principais jornais que promoveu essas matérias foram: A revista interior, O jornal O Povo, O jornal Diário de Pernambuco e O Jornal Folha de São Paulo. Por fim, a porcentagem de 56,0% confirma que mais da metade dos periódicos contemplam a xilogravura com a junção do texto, facilitando assim a melhor compreensão do leitor. Todas essas lacunas mencionadas são explanadas nos gráficos e detalhamento abaixo:



Nas principais ocorrências foi notório que os temas mais consumidos pelos leitores eram: Romance ou lendas misteriosas, seguidas de Histórias de Cangaceiros e valentes.

Subtendesse que esses temas chamavam mais atenção dos consumidores pela xilogravura e o tema posto em capa que despertavam tamanha curiosidade sobre o desenrolar da história contada nos folhetos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o determinado momento os resultados obtidos no desenvolver de toda a pesquisa foram positivos, trazendo também novas ideias para serem trabalhadas como a perspectiva de levantamentos sobre os principais nomes femininos que aparecem nas matérias, a rentabilidade e a rede de ligações que influenciaram o ofício desses a gentes envolvidos. Detalhamentos dos principais eventos existentes naquela década e as premiações que os artesã participaram, certificados, troféus e bens que os mesmos obtiveram e afins são aspectos que estão sendo discutidos para serem implementados mais à frente no desenvolver de toda a pesquisa.

REFERÊCIAS:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A feira dos mitos: a fabricação do folclore e a cultura popular: Nordeste 1920-1950. São Paulo: Intermeios, 2013a.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Um morto vestido para um ato inaugural: procedimentos históricos de fabricação do folclore e/ou da cultura popular. São Paulo: Intermeios, 2013b.

ARANTES, Antonio Augusto. O trabalho e a fala: estudo antropológico sobre os folhetos de cordel. São Paulo: Kairós/Funcamp, 1982.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano 1: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de, RAVEL, Jacques; DOMINIQUE, Julia. A cultura no plural. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHARTIER, Roger. À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002a.

CHARTIER, Roger. Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna séculos XVI-XVIII. Tradução de Bruno Feitler. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002b.

CHARTIER, Roger. Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII. Tradução de Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Unesp, 2007.

HUNT, Lynn et al. A nova história cultural. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: M. Fontes, 2001.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. In: ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-45, 2003.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História Metodologia Memória. São Paulo: Contexto, 2010;

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Maria do Rosário da Silva: Histórias Escritas na Madeira: J. Borges entre folhetos e xilogravuras na década de 1970. 2015. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François et al. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.

ROUDINESCO, Elisabeth. A análise e o arquivo. Rio de Janeiro. J. Zahar, 2006.

SLATER, Candace. A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil. Tradução de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

BITTENCOURT, Beatriz. O que é xilogravura. Disponível em: <http://www.artepostal.com.br/xilo.php>